

FAKE NEWS: O DISCURSO DE ÓDIO E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NAS FALAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Claudia Lucia Coelho Lopes (UFT)

claudia.lucia.coelho@gmail.com

Davi Pereira Gome (UFT)

dvgomesuft@gmail.com

Márcio Araújo de Melo (UFT)

marciodemelo33@gmail.com

RESUMO

Esse artigo tem o objetivo de analisar falas do Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, publicados em jornais e revistas de circulação nacional. O texto analisa e menciona um inquérito aberto a pedido do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. Inquérito esse, que investiga supostas publicações de notícias falsas ou, *Fake News*. O inquérito supostamente investiga aliados e os filhos do presidente, no qual o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro seria um dos principais suspeitos e coordenador de um possível “gabinete do ódio”. O presidente alega, que tudo que é publicado é uma forma de liberdade de expressão e que sofre perseguição midiática a qual ele chama de “mídia podre”, o que as autoridades jurídicas o contradizem. Em outro momento o presidente aparece aos domingos em manifestações que pedem o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, chega a afirmar em um ato que “chegamos ao limite”, assim, o presidente clamar por intervenção militar e descumprir o juramento que fez a constituição em sua posse. As análises tomaram como aporte teórico a análise de discurso Francês, nas de linhas Michel Pêcheux (1990; 1997; 2009) e Eni Orlandi (2012). O texto é bibliográfico e qualitativo.

Palavras-chave:

Fake News. Discurso de ódio. Liberdade de expressão.

ABSTRACT

This article has the objective Analyzing speeches of the president of the Brazilian Republic Sr Jair Messias Bolsonaro, on an inquiry opened by request of the minister of the Supreme Federal Court (STF in Portuguese) Alexandre de Moraes. Such inquiry investigates the publication of false news, or “fake news”. The Inquiry also investigates the president’s allies and his sons, in which the alderman of Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro would be one of the main suspects and coordinator of the “hate office”, that’s located next to the presidential cabinet in Brasilia. The president alleges that everything that is published is a form of freedom of expression and that he suffers a mediatic persecution from the ones he calls “rotten media”, which the legal authorities contradict. At another time, the president appears on Sundays in demonstrations that call for the closing of the national congress and the supreme federal court, even stating in an act that “we have reached the limit”, so the president calls for military intervention and breached the oath he took the constitution in its possession. The analyzes took as

theoretical support the French discourse analysis, in the lines of Michel Pêcheux (1990; 1995; 1997) and Eni Orlandi (2012). The text is bibliographic and qualitative.

Keywords:

Fake News. Hate speech. Freedom of expression.

1. Introdução

É notório que no Brasil, estamos passando por grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, desde quando foi colocado em pauta o processo de *impeachment*, da então presidente da república Dilma Rousseff, eleita democraticamente pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Pontuando-se como uma ponte para o futuro, a direita brasileira, se consagrou e efetuou o golpe de estado, já que pelos meios legais e democráticos não conseguiriam chegar ao poder no Brasil.

O *impeachment* passou e a direita assume então a república brasileira, com ar de triunfo e de que estava naquele momento construindo história de anticorrupção e de novo tempo no país, que estava em crise econômica e instabilidades de governos, e que se ajustava sobre a retomada do crescimento econômico a passos lentos. Os primeiros atos foram mudar as leis de responsabilidades fiscais, atos que alegaram como pedaladas fiscais para efetivar o golpe, efetivar o plano de destruição na educação brasileira, como das políticas sociais dentre outras conquistas que o país obteve em anos de lutas.

Não se podia imaginar, que o então deputado federal que em 16 de agosto de 2016, votara no congresso nacional exaltando um ex-chefe do *DOI-Codi*, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, tornaria-se chefe do poder executivo. O homenageado pelo deputado na época foi reconhecido pela justiça brasileira como um torturador, e que comandou a polícia de São Paulo entre 1970 a 1974, época em que a então presidente Dilma Rousseff esteve presa no período da ditadura militar. Nas falas do então deputado, a presidente teria terror ao homem que a torturara tempos atrás.

Assim, o agora presidente, Jair Bolsonaro, assume seu governo com uma grande responsabilidade de unificar o país que se encontrara dividido ideologicamente, por uma parcela da população brasileira não compactuar com as propostas defendidas em seu futuro governo, que se elegeu por meio de supostas *fake news* e de mentiras disseminadas na *internet*, ou ao menos é o que está sendo investigado, e que ao fim, fez o congresso nacional abrir uma CPI para investigar os caminhos das *fake*

news e quais ligações elas têm com o governo federal. O responsável no STF pelo processo que investiga se o presidente está ligado ou se sua campanha foi baseada e consolidada em notícias falsas é o ministro Alexandre de Moraes. Desse modo, faremos um percurso na teoria de Pêcheux e Orlandi, para analisarmos as falas do presidente e seu lugar de discursividades.

2. Caminhos teóricos da Análise de Discurso Francesa (ADF)

A análise de discurso francesa nasce em um momento em que a França e todo continente europeu, está em conflitos, principalmente nas áreas das ciências sociais e políticas, momentos de grandes mudanças na rota do mundo e de grandes preocupações filosóficas, linguísticas e políticas. Michel Pêcheux (1960), um filósofo francês, preocupado com as tomadas de posições políticas da época, começa então formular sua teoria, que fugiria a fala fortemente defendida nos estudos de Ferdinand Saussure, e pelos linguistas estruturalistas da época.

Até então, o estruturalismo, inspirados em Saussure, nunca tinha considerado o falante como elemento importante na produção linguística, o objeto de estudo dos estruturalistas sempre foi a língua por ela mesma. Sua intenção era simplesmente descrever os diversos sistemas linguísticos, independentemente de suas condições de produção ou até mesmo dos falantes que deles faziam partes.

Na década de 1960, Michel Pêcheux lançou a Análise Automática do Discurso (1969), criando uma nova maneira de se encarar a linguagem humana, ao deslocar o ponto de partida de análise do produto pronto ou do processo interno de produção, segmentando ou não, para as condições de produção, ou seja, o objeto de estudo deixou de estar na fala, na escrita ou no texto em si mesmo, para recair nas condições, na situação, no momento de produção, invertendo a linha de raciocínio a respeito de produção. Desse modo, não tem um produto pronto e acabado para a análise de discurso, tem-se um processo de condições de produção, um lugar social de produção ou um discurso institucional a qual os sujeitos se sobresscrevem para pode falar consciente ou não desse lugar de fala.

Para análise de discurso, não se trata de qualquer lugar de fala, ou de qualquer sujeito, mas de um sujeito convocado pelo inconsciente da linguagem, interpelado pela ideologia. Um sujeito descentrado, constituído e atravessado pela linguagem, ou seja, é uma contribuição do materi-

alismo histórico, que inclui a relação sujeito da ideologia e o inconsciente.

Entre sujeito e forma – sujeito, é preciso entender que para AD o sujeito não é o ser real, o indivíduo, o sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, carregado de marcas sócio-histórico-ideológicas que se imagina como fonte de sentido. [...] o lugar do sujeito não é vazio, mas preenchido por aquilo que ele denomina de forma- sujeito, ou sujeito do saber de determinada FD. (SANTOS 2013, p. 229)

Assim, o que a análise de discurso procura conhecer é o caráter histórico da linguagem, visto que esse campo de estudo é de ruptura, o que implica assim uma gama de reconsiderações no interior do próprio fazer linguístico. A análise do discurso se constitui como uma disciplina de confluência, uma vez que se inscreve em um lugar em que se junta três regiões de conhecimento, quais sejam:

O materialismo histórico, como uma teoria de formações sociais de suas transformações, compreendidas aí a teoria das ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX 1997, p. 164)

Não deixando de lado que todos esses elementos estão permeados por uma teoria não subjetiva de ordem psicanalítica, uma vez que o sujeito é afetado pelo inconsciente.

Neste ponto de vista, a análise de discurso jamais seria um instrumento para explicação simples de textos ou aplicação modelar de uma teoria. Nessa ótica pêcheutiana, o sentido não está claro, óbvio ou transparente, uma vez que é preciso considerar a opacidade da materialidade aí presente e já que o sujeito não é estratégico ou origem do dizer” (BRASIL 2011, p. 173)

Uma vez que para a análise de discurso o homem é produzido como afirma Benveniste (2005, p. 286), no capítulo 21 (Da Subjetividade na Linguagem) “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, podemos então dizer, que todo esse processo é perpassado pelo um processo ideológico desse sujeito, um local de constituição ideológica discursiva para que os sujeitos se inscreva em determinados campos de discursividades e assim possa se apropriar de uma já-dito, ou seja, o sujeito não é dono do seu dizer, ele é interpelado pela linguagem que torna indivíduo em sujeitos de linguagem pelo viés ideológico, como o próprio Pêcheux (1997) cita sobre o processo ideológico:

Do lado do processo de produção, a ideologia é, escreve Pêcheux, um processo graças ao qual conceitos técnicos operatórios, tendo sua função primitiva no processo do trabalho, são destacados de sua sequência operatória e

recombinados em um processo original. Do lado das relações sociais, a ideologia é um processo que produz e mantém as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes, e, acima de tudo, a divisão fundamental entre trabalhadores e não-trabalhadores. Neste caso a ideologia tem como função fazer com que os agentes de produção reconheçam seus lugares nestas relações sociais de produção. (PÊCHEUX 1997, p. 24)

Assim, o sujeito reconhece seu lugar de produção de discurso e começa entender sua tomada de posição por meio das discursividades que esse campo produz, retomando então o lugar de clivagem ou de assujeitamento discursivo, o que está relacionado e diretamente ligado aos lugares de produção do discurso de cada sujeito. O sujeito, ao se filiar a uma ideologia, ele começa a fazer parte de um lugar de discursividades, que ele próprio conhece ou desconhecer pelo inconsciente e passa a produzir determinados dizeres, ou seja, ele passou pelo processo de clivagem ou assujeitamento, ele se apropria de um já-dito, de um interdiscurso. Assim, Pêcheux define a noção de interdiscurso como memória discursiva, ou seja, um conjunto de já ditos que sustenta o dizer.

Os sujeitos estão ligados a um saber discursivo que não pode ser apreendido, mas que deixa transparecer seus efeitos por meio do inconsciente e das ideologias que envolvem o sujeito. Assim, o interdiscurso está articulado ao complexo de formações ideológicas: alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente. (SANTOS, 2013, p. 219)

Esse sujeito que se cliva aos discursos Pêcheux (1997) o chama de “sujeito da linguagem” e “sujeito da ideologia” (PÊCHEUX 1997, p. 34). A esse processo de assujeitamento discursivo, Pêcheux (1997) condiciona da seguinte maneira:

À modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto a reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar de *interpelação*, ou o *assujeitamento* do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma outra das classes sociais antagonistas do mundo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classes ligada a uma delas). (PÊCHEUX, 1997, p. 166)

Desse modo, o sujeito ocupar o lugar de discursividades outras, é passa a assumir uma formação ideológica, Pêcheux (1971, p. 102-3) define formação ideológica como “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais e que se referem mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras” o que para Pêcheux uma formação discursiva não

está fechada e acaba, ela sofre mutações a medida que vai se apropriando de outros dizeres ou outros sentidos no curso da história.

Esse lugar que o sujeito ocupar, perpassar primeiro a entender o que ele entende como discurso, como esse discurso se ocupa de determinadas falas e de que modo essas falas soam na sociedade, Orlandi (2012) nos orienta que

Na análise de discurso fundada por Michel Pêcheux, discurso é efeito de sentido entre locutores e isto acarreta toda uma declinação teórica do que é sujeito, do que é sentido, do que é memória, do que é história, do que é sociedade, do que é ideologia, do que é língua etc. (ORLANDI, 2012, p. 27-28)

Com o discurso sendo entendido na esteira de Pêcheux como um efeito de sentido entre interlocutores, é preciso entender que esse efeito discursivo diz muito do lugar de produção discursiva a qual os sujeitos estão filiados e como suas formações discursivas o denunciam como sujeitos de discursos. Um exemplo desse efeito e dessa filiação discursiva, é os manifestantes que aos domingos vão a esplanada dos ministérios no Distrito Federal-DF, convocar o fechamento do congresso nacional brasileiro e o supremo tribunal federal, esses sujeitos são efeitos de uma formação ideológica de que a ditadura ou o totalitarismo é um regime que visa manter a sociedade em sistema de ordenamento e que as forças democráticas não funcionam.

Esses sujeitos operam pelo viés ideológico totalitário, que o país passou de 64 a 85, quando o país viveu em regime de ditadura, ou seja, temos então uma memória discursiva em funcionamento, um interdiscurso, esse fio discurso opera na voz desses sujeitos, que usam do pleno direito democrático de manifestar o pensamento em ato público. Assim, temos um grupo de pessoas que se utilizam de um direito que eles mesmo querem que seja extinto, o que falta nesses sujeitos seria uma interpretação do próprio ato, se inscrevem no discurso de ódio as instituições democráticas o qual pressupõem-se que o presidente da república possa estar filiado.

Desse modo, a análise de discurso visa o efeito do discurso, ou, como esse discurso é produzido, quem o produz, como esse efeito é interpretado pela sociedade de um determinado local, em um determinado período na história. Para a análise de discurso, o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o outro, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude.

Em meio a não hegemonia de um conceito para discurso, situam-se os estudos de Pêcheux

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro empírico. É o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento. (MALDIDIER, 2003, p. 15-16 *apud* BRASIL, 2011, p. 176)

Assim, o discurso é a história na língua, por trata-se de uma materialidade linguística e histórica, o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia. O discurso é material simbólico, é janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia e o real. O analista de discurso nunca pode tomar o efeito de sentidos do discurso, como transmissão informacional, mas como sujeitos em constituição, são sujeitos que são afetados pela história no funcionamento da língua(gem). Ení Orlandi (2007) assim afirma:

A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem a ideia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p. 15)

3. O discurso de ódio e a liberdade de expressão: nas bases da AD

As eleições de 2018 nos apresentou um Brasil, sombrio, mal, oportunista que se evidencia nas discursividades apresentadas pelas manifestações populares em nível nacional, pelo aclamar de totalitarismos dentre outros aspectos. Supostamente apoiados pelo então candidato a presidente da república e, em seguida, eleito democraticamente, a sociedade encontra portas abertas para produzir discursos de ódio, de mentiras, de afrontamento, e discursos esses que levaram as urnas, em 26 de outubro de 2018 e elegeram um candidato que não compareceu aos debates produzidos pelas emissoras de TVs, não apresentou uma proposta coerente de governo a nação, mas que fez questão de espalhar na sociedade, seu desejo de poder, seu discurso de ódio e de desafetos.

Ao se filiar nesse discurso, o presidente desperta a sociedade a se inscreverem em uma formação discursiva que evoca o ódio as instituições democráticas, a liberdade de expressão como direito social, a intole-

rância nas mais variadas manifestações, ou seja, o presidente suscita um discurso que foi em outro momento da história recente desse país, um discurso defendido pelos envolvidos no regime ditatorial, sendo assim, ele se inscreve em interdiscurso, ou, a memória discursiva é acionada, como afirma Orlandi (2012):

O discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas, só por sua existência, ele marca a possibilidade de uma desestruturação – reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio-históricas de identificação e, ao mesmo tempo, um trabalho de deslocamento no seu espaço. (PÊCHEUX, 1990, p. 56 *apud* ORLANDI, 2012, p. 57)

Aqui, temos uma formação discursiva, que o presidente desloca do período de ditadura 1964–1985, sob a exigência de ordem e progresso, e de patriotismo e com lema de “Deus, pátria e família” ou seja, o presidente se apropria desses interdiscursos para pôr em cena um intradiscorso, assim, o que antes foi dito, se sobrescreve no momento. As redes de memória que são convocadas irrompem com os discursos de democracia, de liberdade de expressão, de diálogos entre os poderes, e instaura uma reestruturação do discurso que convoca uma ditadura, um regime de segregação de liberdades e valores. Que nada mais é que um discurso de autoritarismo e antidemocrático.

Esses desafetos manifestados pelos discursos provocados pelo presidente, deram a uma parcela da sociedade o direito de insultar, protestar e condenar certos grupos, ou instituições de pensamentos contrários aos seus, o que configura como discurso de ódio, a cientista social Leticia Rodrigues Ferreira Neto (2017) afirma:

O Discurso de Ódio é uma forma de pensamento, fala e posicionamento social, que incita à violência contra diferentes grupos da sociedade. Pode ser verbalizado ou escrito e sua intenção é discriminar as pessoas devido a suas diferenças, sejam estas raças, cor, etnia, religião, orientação sexual, deficiências, classe etc. O Discurso de Ódio tem por base o ódio em si ao diferente e todos os preconceitos e prejuízos que decorrem desse sentimento. É considerado crime no Brasil e também um atentado aos Direitos Humanos. (NETO, 2017, p. 445)

A começar pelo presidente da república, que se baseando na lei que garante a liberdade de expressão e na constituição federal de 1988 em seu artigo IV que garante “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato” (BRASIL, 1988, p.15), alguns grupos e o próprio presidente profere discursos de inferiorização de minorias, protestos a favor da tortura e de autoritarismo, xingamentos a indígenas e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

quilombolas dentre outros grupos. O que se configura como discurso de ódio.,

O presidente, em uma de suas entrevistas aos jornalistas na porta do Palácio do Planalto, faz um desabafo, no qual o portal de notícias G1 registrou em 28 de Maio de 2020 a seguinte fala:

"Acabou, porra! Me desculpem o desabafo. Acabou! Não dá para admitir mais atitudes de certas pessoas individuais, tomando de forma quase que pessoal certas ações."

Fonte: Portal G1 em 28/05/2020.

Aqui, é possível ver na fala do presidente algo que ele mesmo caracterizou como um “desabafo”, ou seja, o presidente como em suas entrevistas e discursos proferidos a nação e a seus apoiadores, utiliza-se de palavras, como “ porra” de tom agressivos e ameaçadores e registra que não admiti mais intervenção no seu governo pelos órgãos e instituições da justiça brasileira que investiga o envolvimento de sua campanha com as *fake news*.

Ao dizer “não dá para admitir mais atitudes de certas pessoas individuais” o presidente deixar-se entender que supostamente ele se refere ao ministro do Supremo Tribunal Federal que é responsável pelo inquérito que investiga as *fake news*. Na ocasião, o ministro Alexandre de Moraes, havia permitido que a Polícia Federal fizesse buscas e apreensões na casa dos investigados, o que o presidente reagiu, pois em seus discursos, ele deixa transparecer que apoia a indústria de *fake news* e possivelmente tenha medo que as investigações chegue a seus aliados mais próximos. Preferindo assim, que a decisão seja tomada no colegiado do STF e não por um ministro que é relator do caso.

Pensar o lugar que ocupa, a importância do cargo, o presidente não esconde seu possível desafeto pela democracia e pelas instituições democráticas, ele fere as leis, com seu posicionamento sobre as *Fake News*, ele ignora e ao ser questionado ele admite que exerce sua liberdade de expressão, como ele mesmos afirma

"Meu Deus do céu, isso é liberdade de expressão. Vocês deveriam ser os primeiros a ser contra a CPI das Fake News. O tempo todo o objetivo da CPI é me desgastar", afirmou Bolsonaro.

Fonte: Folha de São Paulo 27.abr.2020 às 23h18.

O presidente, em sua defesa afirma que, o que divulga, ele e seus apoiadores é uma forma de exercer o direito de liberdade de expressão, mas uma liberdade um tanto peculiar, pois afeta e fere as instituições e a sociedade. Ele esquece, que o lugar discursivo ao qual ocupa, interfere diretamente na vida das pessoas que o elegeu que o vê como “mito” ou “salvador da pátria”, e que o lugar de produção de discurso está atrelado aos copos dos sujeitos que ocupam esses espaços, como Orlandi 2012, afirma que

[...] é que o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade, ao corpo social. E isto é constitutivo, é parte de seu processo de significação e não algo apenas exterior a ele, a ser tomado simplesmente como uma embalagem, um envólucro. (ORLANDI, 2012, p. 86)

É preciso pensar os espaços de discursividades, ou, o lugar de produção de discurso e saber que esse discurso sai do nível linguístico e entra para história como um materialismo histórico, que se inscreve na ideologia, assim, é necessário que o presidente refletisse que a sua fala, o seu discurso como chefe maior de uma nação, não pode ser levado meramente como qualquer fala. Quaisquer pessoas que profira esses discursos, talvez não ganharia tanto peso quanto ideológico e social. Pêcheux (2009) vai pensar esse lugar de produção do discurso e o efeito de sentido que esse discurso produz da seguinte maneira:

O sentido existe em relação metafórica, de transferência, uma vez que o sentido da palavra não está ligado a sua literalidade: o sentido se estabelece nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório e, assim, o interdiscurso é também subordinado à lei de desigualdade – contradição – subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2009, p. 162)

Desse modo, é necessário pensar as discursividades, antes de as proferir, saber que o lugar de produção de discursos é um lugar que agrega uma carga ideológica e semântica que afeta outros em seus dizeres, em saber que esse lugar de produção e o efeito discursivo está carregado de formações ideológicas, discursivas e que os efeitos de sentidos podem estruturar e desestruturar uma sociedade em crescimento ou não.

4. Considerações finais.

A análise de discurso é uma disciplina de confluências, de entre-meu, por reunir campos das ciências sociais, da história e da linguística, com um viés psicanalítico, nos apresenta uma maneira de refletir e de se apropriar de discursos outros, para refletirmos os acontecimentos que

nos cerca, no caso, o Brasil sombrio que acordou com os acontecimentos das últimas eleições presidenciais, e que assusta a maneira como alguns grupos clamam por movimentos antidemocráticos e utilizando-se de valores democráticos como a livre manifestação do pensamento, o direito de protesta dentre outros.

É nessas reflexões, que a análise de discurso que nasce em uma efervescência política dos anos 60, e que faz Michel Pêcheux lançar mão de uma teoria para tentar explicar as tomadas de posição dos governos, que também nos vale hoje, fazer uso de recorte teórico para entender o funcionamento dos aparelhos ideológicos de estado que nos cerca e delimita nossos espaços. Ao colocar nos textos nossas inquietudes, tomadas consciência também que pode se uma reflexão que visa contribuir para aumentar nossa capacidade de externar os sentimentos dos últimos acontecimentos da história política e social de nosso país, assumir um posicionamento no Brasil de hoje, não é muito diferente do Brasil que se apresentava em 1964, pois, o poder democrático vem perdendo forças a medida que o autoritarismo vem ganhando espaço na sociedade, e assumir essa formação discursiva de democracia, de liberdades e garantias sociais acaba por se tornar um risco.

Mesmo assim, é preciso nas palavras de Pêcheux, “ousar pensar”, pois só com esse exercício do pensamento e da reflexão, podemos elen-car uma bandeira discursiva democrática. Os discursos nascem nos momentos de lutas de classes, das classes de operários, de intelectuais, de poder e do trabalho, em uma sociedade em desenvolvimento, é importante que tenhamos um filtro de tudo que temos visto e ouvido.

Ao pensar no processo de *fake news*, precisamos estar atentos a tudo que divulgamos em nossas redes sociais, pois, por vezes somos também levados pelo inconsciente a se filiar em certos discursos contrários as nossas filiações de bases, o que recai nas afirmações de Pêcheux, que as formações discursivas nunca se fecham, elas estão sempre em movimentos e podem estruturar-se e desestruturar-se no tempo e no espaço dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux a teoria da análise de discurso: Desdobramentos Importantes para Compreensão de uma Tipologia Dis-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cursiva. *Revista Linguagem – Estudos e Pesquisas*, v.15, n. 1, p. 171-82. Jan/Jun 2011.

NETO, Leticia Rodrigues Ferreira. Discurso de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. *Revista direito GV*, v. 7, n. 2, p. 445-67, 2011. <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v7n2/a042>.

SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amara (Org.). *Estudos do discursos: perspectivas teóricas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013

PÊCHEUX. Michel. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. In: GADET, François; HANK, Tony. Trad. de Bethânia S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas-SP: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2009.

Orlandi, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas-SP: Pontes, 2012.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

Outra fonte

G1. Portal de notícias. <https://g1.globo.com>. Acessado em 28. maio.2020.